



Inocêncio decidiu aceitar candidaturas avulsas na Câmara

## Inocêncio manobra e beneficia pefelista

O presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), aderiu ontem ao esforço do Governo para fazer de Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) seu sucessor no posto. As eleições para a Mesa da Câmara estão marcadas para o dia 2 e Inocêncio anunciou que vai aceitar o registro de candidatos avulsos. Como os governistas estão fechados com a candidatura de Luís Eduardo, a manobra favorece a divisão entre os descontentes da esquerda e de uma ala do PMDB. "Não quero ser acusado de ser antidemocrático", justificou Inocêncio. "Além do mais, Luís Eduardo é forte e bastante para dispensar esse tipo de ajuda".

Em oposição a Luís Eduardo já foram lançados, entre outros, os nomes de Miro Teixeira (PDT-RJ), José Genoíno (PT-SP) e Alberto Goldman (PMDB-SP). Partidos menores, como o PL, articulam a formação de um bloco para disputar a presidência da Câmara, mas a manobra já foi identificada como um jogo de pressão para negociar mais vantagens na distribuição de cargos. O movimento desses partidos tirou o Governo da letargia e o

próprio Luís Eduardo começou a se movimentar.

Ele esteve reunido com deputados do PTB e ouviu de um deles, o deputado Rodrigues Palma, que dos 30 membros da bancada 22 apóiam a candidatura governista. Luís Eduardo também busca uma aproximação com a esquerda e já teve pelo menos uma conversa com José Genoíno. "Ganhando ou perdendo, o que nosso grupo pretende é implementar um programa de reformas e modernização do processo legislativo", disse Genoíno.

O comando do PFL parece ter tirado proveito do movimento dos outros partidos. "Serviu para mapear as resistências e indicar com quem devemos conversar", comentou um aliado de Luís Eduardo. O grupo governista está preocupado com disputa interna, dentro do PMDB, pela presidência do Senado. Com eleições marcadas também para 2 de fevereiro, três senadores disputam a indicação na bancada: José Sarney (AP), Íris Rezende (GO) e Pedro Simon (RS). A disputa tem reflexos na Câmara, porque pode dividir o PMDB, precioso aliado do Governo.